ISSN 2359-053x

ANO 5 - NÚMERO 49 - NOVEMBRO 2018

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R$ 15

O FUTURO DO POVO BRASILEIRO

p. 08

ARQUEOLOGIA
Luzia resiste!
p. 15

CONSCIÊNCIA NEGRA
A luta cíclica contra o preconceito racial
p. 26

SUSTENTABILIDADE
O ódio não se vence com mais ódio
p. 44

Não tem sentido

ENFRAQUECER & FATIAR & REDUZIR & PRIVATIZAR A CAIXA

Acesse **naotemsentido.com.br** e saiba por que a Caixa jamais deverá ser vendida.

FENAE CONTRAF

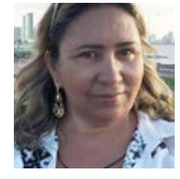
> **A noite chegou. Que noite!**
> **Já não enxergo meus irmãos.**
>
> Carlos Drummond de Andrade

COLABORADORES/COLABORADORAS NOVEMBRO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. **Aldimar Nunes Vieira** – Fotógrafo. **Bia de Lima** – Educadora. **Braulio Antônio Calvoso da Silva** – Chef. **Clarice Lispector** – Escritora (In Memoriam). **Eduardo Pereira –** Sociólogo. **Emir Sader** – Sociólogo. **Fernando Lopes** – Ilustrador. **Frida Zolty** – Psico-oncóloga. **Iêda Leal** – Educadora. **Iêda Vilas-Bôas** – Escritora. **Jaime Sautchuk** – Jornalista. **José Ribamar Bessa Freire** – Professor. **Leonardo Boff** – Escritor. **Lúcia Resende** – Educadora. **Manoel de Barros** – Escritor (In Memoriam). **Zezé Weiss** – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

1. Jaime Sautchuk – Jornalista
2. Zezé Weiss – Jornalista
3. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo
4. Ângela Mendes – Ambientalista
5. Antenor Pinheiro – Jornalista
6. Elson Martins – Jornalista
7. Emir Sader – Sociólogo
8. Graça Fleury – Educadora
9. Jacy Afonso – Sindicalista
10. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista
11. Iêda Vilas-Bôas – Escritora
12. Trajano Jardim – Jornalista



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental
Telefone: (61) 9 9967 7943. **E-mail:** contato@xapuri.info. **Razão Social:** Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. **Endereço:** BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. **Atendimento:** Geovana Vilas Bôas (61) 9 9884 4810. **Edição:** Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 98135-6822. **Revisão:** Lúcia Resende. **Produção:** Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. **Menor Aprendiz:** Ana Beatriz Fonseca Martins. **Mídias Sociais:** Eduardo Pereira. **Logística:** Calleb Reis. **Tiragem:** 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

Que o amálgama do índio, negro e português é que forma a matriz da gente brasileira é uma constatação apontada por muitos estudiosos e considerado uma verdade histórica mais que verdadeira, não há dúvidas. É aquilo que Darcy Ribeiro denominava de "povo-nação"surgido no território que veio a ser o Brasil.

Não se pode dizer que a iniciativa maior da miscigenação era deste ou daquele. Contudo, o fato é que os colonizadores ibéricos e as hordas de escravos vindas da África eram, em sua maioria, do sexo masculino. Os nativos moravam aqui, em suas comunidades, com suas próprias características e línguas diferentes.

Uma peculiaridade foi o fato de que o comerciante luso que fazia a rota africana não se misturou naturalmente com as cargas humanas que trazia como mercadorias. Aqui, em solo tupiniquim, o processo foi bastante diferente. Os caminhos pra se chegar a um povo único foram muitos, algumas vezes penosos, mas eficazes.

Mesmo antes da Independência, outros povos andaram por estes solos, mas não entraram no curso das relações humanas. Tampouco os imigrantes que vieram da Europa em grandes quantidades a partir do Segundo Império participaram dessa formação, como matriz.

Não quer dizer que os povos indígenas e afrodescendentes sejam mais brasileiros que os demais. Mas eles são formadores deste Brasil bem brasileiro. Mais que respeito, pois, merecem nossa gratidão.

Sequer podemos nos ver separadamente. Somos uma unidade. É disso que trata a matéria de Capa da edição nº 49 da Xapuri, que começamos a folhear. Com destaque às áreas de reservas indígenas e remanescentes de quilombos. Precisamos deixar claro que é nossa obrigação demarcá-las e fiscalizá-las a contento, pois nelas estão as nossas raízes, a nossa história.

São partes de nós que buscam guardar formas de vida que não são as que adotamos como majoritárias no país. Mas nos contam como nós fomos, nos dando a chance de saber ainda mais de onde viemos.

Mas há, como de costume, muita variedade de temas e abordagens em nossa revista, lindamente apresentada. Vale a pena conferir.

Boa leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores

Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Adorei a revista. Matérias bem elaboradas, com imagens belíssimas!"
Hellen Fernandes. Guará - Distrito Federal.

A Xapuri me surpreende sempre, principalmente quando aparecem matérias do meu Nordeste. Cada vez melhor!"
Gustavo Neto. Recife - Pernambuco.

I love reading Xapuri every month. It makes me learn interesting things in Portuguese. It´s an excellent magazine.
Robert Parker. Bronx - New York.

As imagens mais populares da @revistaXapuri

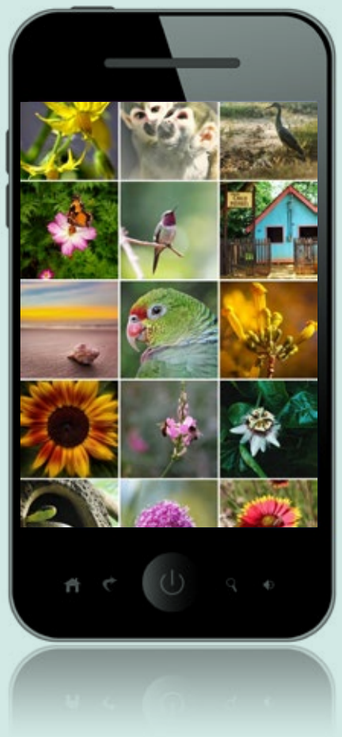


Imagem do mês

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

Xapuri SOCIOAMBIENTAL 49 NOV 18

08 **CAPA**
O futuro do povo brasileiro

15 **ARQUEOLOGIA**
Luzia resiste!

20 **ECOLOGIA**
A hidrosfera ou as águas do Planeta

28 **BIODIVERSIDADE**
O Tambaqui, ou Pacu vermelho

29 **GASTRONOMIA**
Tambaqui amazonense, com toque oriental

46 **ECOTURISMO**
Fernando de Noronha: um paraíso de fantásticas trilhas ecológicas

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

17 **AVOSIDADE**
Morte, fragilidade e esperança

23 **BEM-VIVER**
Erros do passado

24 **CONJUNTURA**
Brasil, laboratório da guerra híbrida

26 **CONSCIÊNCIA NEGRA**
A luta cíclica contra o preconceito racial

32 **HISTÓRIA SOCIAL**
Formosa: sobre o surgimento do Arraial dos Couros

33 **LITERATURA**
Mundo pequeno – VIII

34 **MEIO AMBIENTE**
Pra não dizer que eu não falei de Ixora

38 **PERFIL**
Alexandre Ribondi: o andarilho de muitas artes

40 **SAÚDE**
Álcool e cafeína: uma combinação perigosa

44 **SUSTENTABILIDADE**
O ódio não se vence com mais ódio

47 **MITOS E LENDAS**
A lenda do pecado

48 **MEMÓRIA**
Badia Medeiros: emudece o som da viola

Foto: Da página do MST

O FUTURO DO POVO BRASILEIRO

Jaime Sautchuk

Nos últimos dias de outubro passado, uma comunidade de 450 famílias do Quilombo Campo Grande, no sul de Minas Gerais, foi comunicada de que terá que deixar uma área que ocupa há mais de 20 anos, trabalhando na agricultura orgânica, sem venenos. A notícia veio em lugar do esperado título de assentamento definitivo, previsto pelas autoridades fundiárias do estado.

Este é apenas um exemplo da situação por que vêm passando as perto de 1900 comunidades remanescentes de quilombos existentes no país inteiro, do Caburaí ao Chuí, segundo as estatísticas da Fundação Palmares, órgão do Ministério da Cultura. Com prenúncios de que a situação tende a se agravar com o novo governo, que assumirá o poder em 1º de janeiro do ano que vem.

Destino idêntico se prevê às reservas indígenas, largadas ao deus-dará nos últimos dois anos, com drástico corte no já minguado orçamento da Fundação Nacional do Índio (Funai). Em 2017, houve corte de quase 20% no quadro de funcionários técnicos do órgão, afetando principalmente as áreas de demarcação e fiscalização, que são as mais sensíveis.

Quanto às comunidades negras, vale lembrar que os quilombolas atuais são museus vivos, de enorme relevância, por guardarem a matriz de parcela significativa da cultura trazida da África, que inclui, em muitos casos, a propriedade e o uso coletivo de terras.

São aldeamentos sustentáveis do ponto de vista socioambiental e, em geral, vivem da produção agrícola, pequena pecuária e mesmo do artesanato São, contudo, comunidades pequenas no conjunto da nação, que em nada alteram o caráter multiétnico do povo brasileiro.

Nunca é demais rememorar o que o antropólogo Darcy Ribeiro escreveu a respeito da integração do índio, do negro e do português na formação deste "novo povo" (em "O Povo Brasileiro", Ed. Civilização Brasileira, SP, 2002):

"Mais do que uma simples etnia, o Brasil é uma etnia nacional, um povo-nação, assentado num território próprio e enquadrado dentro de um mesmo Estado para nele viver seu destino"

Essa gente se espraiou por todos os quadrantes do território nacional. Aliás, contribuiu decisivamente pra que a linha do Tratado de Tordesilhas (1.494), que dividia o mundo entre Portugal e Espanha, fosse levada no sentido oeste. Quando os espanhóis se deram conta, os domínios portugueses já estavam nos limites que são hoje as fronteiras do Brasil com os demais países sul-americanos.

É preciso chamar a atenção, também, ao fato de que os brasileiros afrodescendentes são partes inseparáveis da nossa sociedade, desse "povo-nação", mas ainda hoje padecem da falta de igualdade verdadeira. A discriminação e o racismo ainda são marcantes, em todos os aspectos da vida nacional.

COTAS RACIAIS

É certo que, de duas décadas pra cá, medidas adotadas pelo governo federal tentaram mitigar essa dívida. A começar por ações afirmativas localizadas, como foi o caso da indicação do jurista negro Joaquim Barbosa pra ministro do Supremo Tribunal Federal (STF). Ele foi pinçado pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, numa lista de 15 nomes aptos ao cargo, justamente por ser negro.

Entre medidas mais gerais, porém, a que teve efeitos mais visíveis foi o Sistema de Cotas Raciais na rede de ensino superior, que corrige uma distorção histórica, crônica. A libertação dos escravos pelo governo imperial, em 1.888, foi aplaudida pela grande maioria da população nacional, de todas as cores de pele e crenças. A medida, no entanto, deu a liberdade física, mas a submissão econômica continuou existindo.

Ainda assim, ao ser implantado, o sistema de cotas enfrentou sérias resistências, especialmente de setores conservadores da sociedade, que viam nele uma dose de "concorrência desleal". Eles se esqueciam, no entanto, que a juventude branquela, bem abastada, levava vantagem por poder pagar cursos particulares pra chegar à universidade, quase sempre pública, ocupando todas as vagas.

A polêmica gerou inúmeras ações judiciais e no Congresso Nacional, indo bater, por fim, no Supremo Tribunal Federal (STF). Mas, em 2012, o Supremo julgou o caso e determinou, por unanimidade, que o sistema de cotas é legal, pois em nada fere a Constituição Federal.

No entanto, a discriminação ocorre num processo seletivo sutil, camuflado, que põe pra escanteio a fatia mais pobre da sociedade. Não precisa procurar muito pra constatar a presença desse mal, em todos os setores da atividade humana, com a participação de todos, ainda que involuntariamente.

É o caso da música, por exemplo, a começar pelo blues, o estilo musical dos Estados Unidos que gerou o jazz, o rock e um bocado de outras manias, desde o final do século XIX. Como se sabe, os pioneiros do blues eram negros e pobres, como Leadbelly e Blind Lemon, pra citar apenas dois dos pioneiros.

Mas, aqui no Brasil, a gente ficou conhecendo esse estilo musical em larga escala pela voz de brancos. Em especial, pra minha

geração, pelo blues, já transformado em rock, que Elvis Presley nos oferecia.

Presley nasceu e cresceu em Memphis, no estado de Mississipi, e costumava ir a Nova Orleans, na Louisiana, ali ao lado, para se juntar à negrada. Era pobre também e se virava pra se locomover, é bem verdade. E tinha um baita talento, acho que ninguém duvida disso. Mas, diante de outros grandes talentos de então, quando as gravadoras e a mídia resolveram investir no assunto, escolheram um branco.

ATRÁS DO TRIO

É coisa parecida com o que ocorre na Bahia, o berço do samba. O samba de roda do Recôncavo Baiano (onde está Maracangalha), das senzalas e refúgios de escravos foi levado pro Rio de Janeiro com a Capital Federal, ainda no período colonial. É por isso que as escolas de samba do Rio dão grande valor, muito merecido, à "ala das baianas" em seus desfiles.

Mas a música da Bahia se renova com muita rapidez, com novas batidas, novos instrumentos, novos ritmos, que surgem nos buracos de Salvador ou em recantos das redondezas. Normalmente, pela inspiração e pelas mãos de negros. Filhos de Ghandi, Olodum, Ilê, dezenas de outros blocos carnavalescos (alguns com mais de 5 mil figurantes) e uma resma de trios elétricos são apenas a parte visível desse universo.

O fato é que, quando a grande mídia nacional resolveu ganhar dinheiro divulgando a música do carnaval baiano, projetou gente como Daniela Mercury e, depois, com ainda mais intensidade, Ivete Sangalo. Duas brancas.

Ambas são muito talentosas, como dezenas de negras que havia por lá. Sangalo é de família bem de vida de Juazeiro, terra do ícone da "Bossa Nova" João Gilberto, às margens do rio São Francisco. Mas se projetou nas ruas de Salvador, em meio a tantas negras também talentosas.

IMIGRAÇÕES

Inicialmente, o processo histórico brasileiro foi etnicamente discriminador, por imposição da minoria colonizadora, mas é inegável que ao longo dos séculos isso mudou. No início, por volta de 1530, a média mensal de chegada era de 1.000 escravos negros, mas essa média foi subindo até atingir seu auge já no século XIX, após a Independência do país, quando chegou a alcançar 4.200 pessoas por mês.

Essa presença era visível a olho nu. Por exemplo, o cientista alemão Carl Friedrich Von Martius, que percorreu o Brasil no início do século XIX, dizia que não via traços europeus no brasileiro. Ele sentia muito mais a presença do negro e do indígena na sociedade como um todo.

Quando não eliminado logo à primeira vista, o indígena nativo também era subjugado, maltratado, segregado e escravizado pelo invasor europeu. No entanto, Portugal aboliu a escravização do índio em 1.758. Portanto, 130 anos antes da proibição completa da escravatura do negro. A Igreja Católica era contrária à escravização do índio, mas indiferente quanto ao negro.

É bem verdade que, embora não haja estatísticas acuradas sobre isso, além de portugueses, àquela altura já havia se instalado em solo tupiniquim um bom número de franceses, holandeses e ingleses, remanescentes de invasões. Sem falar nos descendentes desses europeus nascidos aqui. Mas era uma quantidade que não chegava a alterar a composição étnica e cultural apontada por Von Martius na coletividade brasileira.

Tampouco existia uniformidade social em todo o território do que hoje é o Brasil, apesar da extraordinária unidade política conquistada pelos diversos setores da sociedade, ainda a custo de guerras e violência. No entanto, ocorreu, no passar dos anos, a formação de estratos com traços linguísticos (sotaques) e culturais próprios.

Os chamados *barranqueiros* do Velho Chico, o caipira do Sudeste e de Goiás, o *sertanejo* nordestino, o *caboclo* da Amazônia, o *pantaneiro* do Pantanal Mato-grossense e o *gaúcho* dos estados sulistas são alguns desses nichos, tratados genericamente como *populações tradicionais*. Mas também eles se dissipam com a urbanização e com a expulsão do homem do campo por uma agricultura extensiva, predatória, praticada hoje em dia.

Além disso, entretanto, ainda no Império, houve um intenso processo de imigração cujo objetivo maior era o de "esbranquiçar o Brasil", embora as justificativas oficiais fossem outras. Uma delas era a de acolher refugiados de guerras e de crises econômicas no Velho Continente, na maioria provenientes da Alemanha, Itália e países do Leste Europeu, como Polônia e Ucrânia. Hordas deles foram assentados principalmente na Região Sul do país.

Desde lá, outros contingentes de imigrantes, na maioria árabes e japoneses, vieram se juntar aos demais, sem, no entanto, quebrarem a unidade nacional. O árabe quase sempre como comerciante – o mascate, que percorria os mais remotos rincões com produtos de pronta-entrega e vendas a prazo, na confiança. E o asiático como agricultor, no mais das vezes.

DESMATAMENTO

O ambiente do qual fazemos parte, onde está a qualidade de

Foto: www.gjindo.blogspot.com/

vida da nossa gente, nem consta da pauta de preocupações deste e do futuro governo federal. Na contramão do verdadeiro progresso, o que se vê a todo instante são novas medidas que visam apenas aumentar o lucro de uma elite que não se envergonha de entregar os recursos naturais da nação aos grandes conglomerados internacionais.

Se as cidades brasileiras dependerem de planos e recursos federais pra cuidarem da mobilidade urbana, do saneamento básico, da saúde pública e da educação, estarão cada vez mais perdidas. O neoliberalismo que voltou a reger o Estado brasileiro não quer saber dessas questões e propõe cada vez mais cortes no orçamento desses setores.

E conta com o apoio de fatia majoritária do Congresso Nacional pra implantar suas medidas. As bancadas BBB (bala, boi e bíblia) têm maioria absoluta na Câmara Federal e incluem os parlamentares ruralistas, porta-vozes do latifúndio.

No que se refere aos recursos naturais é à agropecuária, então, a porteira está escancarada, e tende a piorar caso seja concretizada a ideia de extinção do Ministério do Meio Ambiente. No ano passado, foi aprovada a proposta do governo de redução do tamanho da Floresta Nacional (Flona) do Jamanxim, no Sudoeste do Pará, que significa sua extinção, na prática. E estão em andamento processos de quebra do contingenciamento de áreas riquíssimas em minérios, que serão entregues a grandes empresas.

São ações que sugerem a retirada de florestas nativas, contrariando o que vinha ocorrendo há mais de uma década, segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), de São Paulo. São informações obtidas a partir de satélites operados por esse órgão.

A taxa de desmatamento registrada na Amazônia brasileira em 2015 foi 71% inferior à registrada em 2004, ano em que o governo federal pôs em operação o Plano para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia (PPCDAm), coordenado pelo Ministério do Meio Ambiente. Ou seja, desde aquele ano vinha ocorrendo uma queda real no desmate, ano após ano.

No entanto, já em 2016 houve um crescimento de 29% sobre a taxa de 2015, indicando uma retomada em larga escala. A estimativa é do Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite (PRODES), do INPE.

No atual momento, o governo se empenha na alteração da Lei 7.802, de 1989, que regula o uso de agrotóxicos no país. O projeto, batizado de "lei do veneno", induz a uma flexibilização do setor, permitindo a fabricação ou importação de produtos proibidos em outros países e eliminando controles hoje existentes sobre o seu uso.

POVOS INDÍGENAS

O processo de regularização de terras indígenas no país já é demorado e ineficaz por falta de interesse público, com as limitações orçamentárias impostas pelo atual governo. Mas enfrenta o combate sistemático do agronegócio pelos meios mais diversos, inclusive a bala, com a ação violenta de jagunços e assassinatos de lideranças desses povos da floresta.

Segundo a Funai, 245 áreas indígenas estão com sua regularização paralisada por contestações administrativas e judiciais de agentes do agronegócio. A subordinação do órgão ao Ministério da Justiça tende, cada vez mais, a ser fator favorável à não-regularização dessas reservas.

Em verdade, essas ações são parte de uma avassaladora ofensiva sobre a Amazônia brasileira, patrocinada pelos ruralistas, associados a mineradores ilegais e exploradores de madeira. Os vales dos rios Xingu, Madeira, Tapajós, afluentes da margem sul do Amazonas, e Solimões e Negro são os mais visados pela ganância que extrapola o interesse capitalista pelo lucro – é parte de um grande conluio criminoso, num território onde, hoje, as leis não têm valor.

O Tapajós foi alvo de recente série de reportagens do jornal *Folha de São Paulo*, em que fica claro o gigantismo das operações de retirada dos recursos naturais. Assim os repórteres Fabiano Maisonnave e Lalo de Almeida abrem uma das matérias:

"Os ribeirinhos e índios do rio Tapajós nunca haviam topado com nada tão grande. De uma ponta a outra, a megadraga para extrair diamante e ouro do fundo do rio ostenta uma estrutura metálica de cerca de 120 metros, extensão ao menos duas vezes maior do que as demais embarcações do tipo operando na região."

E o protesto em vão do cacique Juarez Saw Munduruku, de 58 anos, principal liderança da Terra Indígena Sawré Muybu, no sudoeste do Pará:

"Essa balsa taí, a gente já conversou com eles, dizem que a gente não pode impedir o trabalho deles porque têm o PLG [Permissão de Laura Garimpeira]. Pra nós, ela vem adoecendo o rio."

Os representantes da empresa mineradora Rio Vermelho Importação e Exportação, que tem sede em Israel, dizem ter o tal licenciamento, mas nem a comunidade indígena, nem a Funai foram ouvidos sobre isso como manda a legislação em vigor. O fato é que a presença de embarcações e de trabalhadores, que pescam no rio e caçam nas matas próximas, bagunçou a vida naquela comunidade Munduruku.

ISOLAMENTO

Com a expansão da cultura extensiva de soja e o afrouxamento do controle do desmatamento, tem aumentado grandemente a pressão sobre os povos indígenas em toda a Amazônia brasileira. Inclusive em estados que, ajudados pela localização geográfica, vinham conseguindo se manter um tanto afastados do processo, como Roraima e Rondônia, por exemplo.

Em Rondônia, onde a presença de não-índios se estende por séculos, uma boa parte do território estadual ainda se mantinha preservada. Mas também essas estão sendo assediadas agora. Nos últimos anos, houve grande movimentação de gente no seu território, com a construção das usinas hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio, no rio Madeira. Além da abertura de grandes áreas ao agronegócio.

No estado, há 43 áreas indígenas reconhecidas, mas apenas 20 delas estão em situação de regularidade e algumas correm sério risco. E nem se fala da etnia Suruí-Paiter, da região do rio Roosevelt, no parque do Aripuanã, que foi praticamente dizimada há algumas décadas, mas vinha se recompondo há alguns anos e volta a sofrer pressões.

A parte central de Rondônia, no vale do rio Machado, é uma área onde se localizam várias terras indígenas bastante isoladas, mas também essa região vem sendo ocupada por ruralistas.

Em verdade, há na Amazônia brasileira evidências da presença de 70 a 100 comunidades de índios isolados, também conhecidos como povos indígenas em situação de isolamento voluntário. São grupos indígenas com os quais a Fundação Nacional do Índio (Funai) ainda não estabeleceu contato.

O maior número deles vive na Terra Indígena Vale do Javari, no oeste do estado do Amazonas, próximo à fronteira com o Peru, onde há pelo menos 16 referências reconhecidas pelo governo brasileiro. Esses povos, no entanto, correm risco de vida, já que a Terra Indígena se encontra desprotegida da invasão de madeireiros, empresas petroleiras, caçadores ilegais e narcotraficantes.

Além da ameaça de grileiros, madeireiros, ruralistas e empresas de energia, petróleo e mineração, os povos isolados têm pouco ou nenhum respaldo do Estado brasileiro. Eles também têm sido desrespeitados no seu direito de isolamento, uma vez que têm sido forçados ao contato com não-indígenas.

FUTURO INCERTO

É claro que a esmagadora maioria do povo brasileiro vive em áreas urbanas, talvez porque as dificuldades da vida nas cidades pareçam menores do que as enfrentadas no campo. Mas também porque a própria permanência no campo está ficando cada vez mais difícil, com a proliferação de um modelo agropecuário que não quer saber de gente, nem de flora e fauna nativas.

Outro fato que deve ser levado em conta é que a esmagadora maioria dos eleitores brasileiros não votou no candidato eleito nas eleições presidenciais. Somando os votos no outro candidato, mais abstenções, brancos e nulos, teremos 89 milhões de pessoas. E em parte substancial do país os governos estaduais serão de oposição ao regime central.

De toda forma, a república federativa chamada Brasil é formada por um povo-nação, desigual na sua condição socioeconômica, mas igual perante a lei, pelo que diz a Constituição Federal.

Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

LUZIA RESISTE!

Zezé Weiss

Foto: www.imperiomineiro.com.br/curiosidades

Luzia, o fóssil humano mais antigo já encontrado nas Américas, resistiu ao incêndio que destruiu cerca de 90% dos mais de 20 milhões de itens catalogados do acervo do Museu Nacional, o mais antigo museu do Brasil, na noite do dia 2 de setembro de 2018.

No último dia 19 de outubro, a professora Cláudia Rodrigues, membro da equipe de escavamento do Museu anunciou, em conferência de imprensa, que cerca de 80% do crânio e o fêmur de Luzia, o esqueleto mais antigo já descoberto no Brasil, foram recuperados dos escombros com alguns danos, mas em condições melhores do que as esperadas.

O fóssil que resistiu ao tempo, e agora ao fogo, foi encontrado pela missão arqueológica liderada pela arqueóloga francesa Annete Laming-Emperaire em escavações feitas na gruta da Lapa Vermelha, na região de Lagoa Santa, em Minas Gerais, em 1975.

Mas foi no ano de 1998 que o esqueleto, datado pelo francês André Prous como tendo idade superior a 11 mil anos, ganhou fama, graças aos estudos apresentados pelo antropólogo brasileiro Walter Neves sobre o crânio da Homo sapiens batizada como Luzia.

Os estudos de Neves desbancaram a hipótese de que apenas os Homo sapiens do tipo mongoloide (parecidos com os indígenas norte-americanos) haviam colonizado a América via estreito de Beringer. Ao identificar em Luzia traços negroides, o antropólogo demonstrou que ela pode comprovar a teoria de que a colonização americana começou, de fato, a partir dos primeiros seres humanos da África e da Austrália.

O Museu informou, também, que os fragmentos estão passando por um processo de limpeza e estabilização, para depois serem guardados em um local não revelado, por motivos de segurança.

Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental
@zezeweiss

ARTE
RELACIONAMENTO
CRIATIVIDADE TAMANHO
SUSTENTABILIDADE
PONTUALIDADE
CONTEÚDO QUALIDADE
ESTÉTICA
FORMATOS
COMPROMISSO
PONTUALIDADE
CRIAR CORES

nossagráfica
gráfica e editora
uma visão infinitamente nova

Pati Sales - 61 99554-1063 | 3591-4070

MORTE, FRAGILIDADE E ESPERANÇA

Frida Zolty

O avançar da idade faz com que a gente se depare cada vez mais com nossas fragilidades. O espelho não é mais tão amigo, o corpo começa a apresentar suas dificuldades, o sentimento de solidão toma conta em muitos momentos e, finalmente, aparece com mais clareza a ideia de que estamos cada vez mais próximos da morte.

Às vezes acontece de a ideia de o fim se tornar, de repente, mais presente através da notícia de uma doença grave (como o câncer, por exemplo). Diante de alguns diagnósticos, somos frequentemente tomados pelo desespero e pela sensação de que nada mais nos resta a fazer.

O MEDO QUE ISOLA

Muitos querem esconder as doenças – são sentidas como um fracasso na nossa sociedade. E, em muitos casos, o doente sofre de um profundo isolamento. Isso acontece porque falar da possibilidade da perda é muito difícil. E mais difícil ainda é presenciar o sofrimento da pessoa querida que se encontra com tanto medo, com tanta tristeza.

Mas a nossa finitude não traz só medo e tristeza. É hora de revermos o caminho e perceber quantas coisas foram realizadas, como fomos e somos ainda importantes na vida de muitos que estão ao nosso redor.

E temos que saber que a nossa existência ajudou a construir as pessoas que são hoje nossos companheiros, nossos filhos e que está ajudando a construir as "pessoinhas" que são nossos netos. Sem nós, todos eles seriam diferentes, quase irreconhecíveis, porque estamos dentro deles, assim como eles estão dentro de nós.

A MATURIDADE QUE LIBERTA

Quando pensamos que estamos perto do fim, os horizontes podem se abrir. Você pode se libertar do medo da opinião alheia, pode experimentar coisas que sempre quis fazer e não teve coragem, pode ousar.

E não deixe de dizer o que você tem guardado e sempre teve medo de dizer para as pessoas mais importantes da sua vida.

Tudo isso vale também se a sua doença não for tão grave quanto você imagina e se a sua morte não estiver tão próxima quanto você pensava. Quando ela chegar (e chega para todos nós) vai te encontrar mais feliz.

Frida Zolty
Psico-oncóloga.

Sind Saúde DF
Minha luta, meu orgulho!

Texto publicado no site https://avosidade.com.br/

CONSCIÊNCIA NEGRA:
RESISTÊNCIA E LUTA PELA EXISTÊNCIA

"Porque mesmo que queimem a escrita
Não queimarão a oralidade.
Mesmo que queimem os símbolos,
Não queimarão os significados.
Mesmo que queimando o nosso povo,
Não queimarão a ancestralidade.
(Nego Bispo, quilombola)

Quantos Zumbis, ainda hoje, continuam resistindo em tantos Palmares Brasil afora? Um dos maiores líderes e símbolo de resistência contra a escravidão do Brasil Colônia, Zumbi dos Palmares, morto em uma emboscada no dia 20 de novembro 1695, ainda é chama viva na história brasileira. Todos os anos, ele renasce na mesma data de sua morte trazendo a tona ao nosso país que ele ainda precisa parar para refletir, e muito, em defesa da consciência negra. Instituído em âmbito nacional por meio da Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011, o Dia Nacional da Consciência Negra nos convoca à reflexão sobre a real inserção e situação das negras e dos negros na sociedade brasileira.

Quilombo não é história do passado. É presente! Atualmente, no Brasil existem mais de 3 mil comunidades quilombolas certificadas e estima-se a existência de mais de 5 mil, de acordo com a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ).

Conforme a CONAQ, Quilombo tem origem em um dos idiomas banto, o quimbunco, que quer dizer: "sociedade formada por jovens guerreiros que pertenciam a grupos étnicos desenraizados de suas comunidades". Fruto da resistência ao modelo escravagista e opressor instaurado no Brasil Colônia, as comunidades quilombolas que vivem no Cerrado e no Brasil, ainda hoje, continuam a luta pela titulação de seus territórios, preservação de sua cultura, tradições e modos de viver. Com o avanço indiscriminado e a disputa por terras para a produção de grandes commodities no Bioma – em especial da soja, do eucalipto, do gado e do algodão – a situação dessas comunidades ficou ainda mais crítica.

Como mostra a história do Quilombo de Monte Alegre, situado no município de São Luís Gonzaga, interior do Maranhão. O dia era 12 de novembro de 1979. Foram entrando de carro e colocando fogo em tudo. Mais de 90 casas incendiadas. O motivo? Queriam que os povos tradicionais, descendentes de negros escravizados, que vivem naquele território desde 1870 saíssem da área porque o "dono" a teria vendido. O episódio ficou conhecido na comunidade como Batismo de Fogo. "Foi um momento muito terrível. Que a gente, nascido e criado aqui, desde os nossos bisavós, não esperava. Não feriram não, mas bateram", relembra seu Cassiano, quilombola e uma das lideranças de Monte Alegre. Até hoje a comunidade não foi reconhecida como Território Quilombola, conforme prevê o artigo 68 (ADCT), da Constituição Federal de 1988: "Aos remanescentes das Comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos".

Violações que ocorriam no Brasil Colônia. Ocorreram na década de 1970, durante a Ditadura Militar, e que ocorrem agora, em 2018, em um estado democrático e de direitos. De acordo com o Caderno Conflitos no Campo, lançado pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), 2017 concentrou o maior número de assassinatos em conflitos no campo dos últimos 14 anos. Foram 71 assassinatos, 10 a mais que em 2016. Dos que perderam a vida no ano passado, 11 eram quilombolas, a maioria no estado da Bahia, área que compõe o MATOPIBA (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia), considerado a última fronteira agrícola do Brasil. "Ocorre que nessas áreas nós temos dezenas de Terras Indígenas, centenas de assentamentos da reforma agrária, Territórios Quilombolas que são afetados diretamente pela constituição dessa nova fronteira para a agricultura de larga escala no Brasil", explica a pesquisadora Mônica Nogueira, mestre em Desenvolvimento Sustentável e doutora em Antropologia.

Seu Cassiano - Quilombola

Fotos: Acervo Rede Cerrado

Estima-se que no Brasil, hoje, vivam cerca de 25 milhões de pessoas que compõem o quadro dos povos originários e das comunidades tradicionais. É muita gente! Muita gente resistindo pela própria existência, pelo direito de cultivar sua cultura e seus modos de vida. Dentre as organizações que compõem a Rede Cerrado diversas têm atuação focada na ampliação, construção e implementação de um modelo de desenvolvimento que dialogue mais diretamente com os ensinamentos que, secularmente, os povos tradicionais aplicam, buscando difundir estes conceitos do bem viver, da igualdade, da conservação, da produção consciente por meio, também, da incidência em políticas públicas e da abertura para o diálogo com outros setores produtivos.

Muito se avançou no reconhecimento do Estado da existência e importância desses povos tradicionais, mas ainda é preciso dar passos largos para que este reconhecimento seja, de fato, ampliado para a efetivação de políticas públicas capazes de aliar conservação com produção, desenvolvimento com preservação cultural, geração de renda com manutenção dos povos do e no Cerrado.

A Rede Cerrado conta com o apoio do Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos (CEPF, na sigla em inglês *Critical Ecosystem Partnership Fund)* e do DGM Brasil – Mecanismo de Apoio Dedicado a Povos Indígenas, Comunidades Quilombolas e Comunidades Tradicionais do Cerrado Brasileiro. Para saber mais acesse www.redecerrado.org.br.

Rede Cerrado

A HIDROSFERA
OU AS ÁGUAS DO PLANETA

Altair Sales Barbosa

A hidrosfera é a parte significativa do Planeta que engloba as águas oceânicas, as águas salgadas interioranas, os diversos cursos d'água, os lagos, os pântanos, as águas subterrâneas e as geleiras. Engloba também os vapores de água da atmosfera, que se condensam e dão origem às chuvas, às neves e aos granizos que se precipitam sobre a terra. As chuvas precipitam através de gotas; o granizo, através de pedras de gelo; a neve, através de microestruturas cristalinas.

Isso pode explicar como a hidrosfera está conectada com a atmosfera. Na realidade, essa divisão das águas só é possível porque em um determinado momento surgiu a litosfera, mas houve, durante a aurora da história do Planeta Terra, tempo em que a maior parte da água do planeta formava um único oceano que circulava toda a Terra, com uma profundidade média de quatro quilômetros.

Esse mar primitivo, por sua vez, teve sua origem através da precipitação na forma de chuvas sobre o planeta, a partir da condensação de vapores d'água existentes na atmosfera que circulava a Terra nos seus primórdios. Os vapores se formaram no espaço a partir da fragmentação dos minerais silicatados, que contêm em sua composição átomos de hidrogênio e oxigênio que, em circunstâncias especiais, se juntaram em moléculas H2O.

Os minerais silicatos foram fragmentados pelo impacto constante de meteoritos e até planetoides que, aos milhares, impactaram com a Terra no início da

sua história. Desde que esse mar se formou, houve a consolidação da crosta terrestre e da placa oceânica que, juntas, constituem a litosfera. Entretanto, ainda não havia terras emersas, isto só foi possível graças à formação do granito.

A formação de rochas graníticas se deu a partir do resfriamento do magma que originou o basalto. Quando o basalto foi submetido a uma nova fusão, a dezenas de quilômetros abaixo da superfície, em função do contato com o magma existente abaixo da crosta, a água do mar foi incorporada, possibilitando o aparecimento do granito.

O granito é um tipo de rocha que só se forma na presença ou incorporando água em estado líquido e que possui uma densidade menor que a do basalto. Após sua formação e em razão de sua densidade, o granito emergiu até a superfície desse oceano primitivo, dando origem às terras emersas que, com o passar de longo tempo, se juntaram, dando origem a um grande continente denominado Pangeia.

Com a formação do oceano primitivo que rodeava a Terra, calcula-se que, por volta de quatro bilhões e trezentos milhões de anos, começou a se formar uma atmosfera primitiva no Planeta. A atmosfera baixa da Terra é composta atualmente por uma média de 76% de nitrogênio, 21% de oxigênio, o restante por gases e vapor de água. Mas a atmosfera primitiva que circulava a Terra na sua superfície tinha uma composição diferente. Era quase que na sua totalidade composta por gás carbônico. Esse gás foi sequestrado pelo oceano primitivo nas suas partes mais rasas, dando origem a um carbonato que depois se transforma em diferentes tipos de calcários.

Assim, dentro dessa perspectiva, pode-se afirmar que os três primeiros conjuntos de rochas formados na Terra podem ser representados pelo basalto, granito e calcário, cujos intemperismos, associados a outros fatores mecânicos, fizeram com que essas matrizes com o tempo se transformassem em outros tipos de rochas. Mais uma vez, ressalta-se a interação constante entre as diversas esferas que compõem o meio ambiente, incluindo a própria vida, pois foram essas modificações ocorridas no oceano primitivo as responsáveis pelo aparecimento das primeiras bactérias, que originam a esfera da vida ou biosfera.

A quantidade de água hoje existente no planeta é a mesma existente há pelo menos 600 milhões de anos passados. A água atualmente tem a seguinte distribuição: 97,2% se encontra nos oceanos; 2% se encontra nas geleiras; 0,65% da água existente está nos continentes na forma de ribeirões, rios, lagos, pântanos e nos sistemas subterrâneos.

Diante desse quadro, podem-se formular algumas questões:

- A água existente na Terra pode um dia desaparecer?
- Ao longo do tempo, como a água desaparece de alguns locais?
- O mundo urbano ou as cidades ajudam a diminuir as águas continentais?

Respondendo a primeira indagação, podemos afirmar que há essa possibilidade. Para isto, basta que a magnetosfera se rompa ou sofra algum tipo de entropia. A magnetosfera é um escudo protetor que protege a Terra, rebatendo os impactos dos ventos solares. Estes ventos partem do sol em direção a várias partes do sistema solar numa velocidade que alcança 300 a 900 km por segundo, quando chegam até a Terra são rebatidos pela magnetosfera que é uma esfera magnética que depende do magnetismo da Terra.

Esse magnetismo é produzido numa interação constante entre os movimentos de rotação do planeta e seu núcleo interno. Segundo estudos, algumas ações antrópicas já estão afetando os movimentos de rotação da Terra, que vêm diminuindo em milésimos de segundo a cada ano. Se esse processo se acentuar até que chegue ao ponto de afetar a magnetosfera, esta poderá permitir a entrada de parte ou da totalidade dos ventos solares que chegam até o planeta. Se isso vier a acontecer, toda a água superficial da Terra se evaporará, e possivelmente escapará do centro gravitacional do Planeta.

Na história evolutiva da Terra existem vários registros de mares interiores que migraram para outras partes, principalmente para uma bacia oceânica. Esses fenômenos aconteceram em função de diversos fatores, sendo o principal o tectonismo que provocou migração e os arranjos continentais. Ao desaparecerem de certos locais, os mares interiores, anteriormente existentes, deixaram diversos vestígios tais como: formações calcárias de diferentes idades; depósitos salinos; bacias de petróleo; fósseis marinhos, além de sedimentos peculiares.

Durante o último estágio da glaciação Pleistocênica, grande parte da água do Planeta ficou retida na forma de gelo, formando altas cadeias de montanhas no hemisfério norte, principalmente na Groelândia, isto fez com que os níveis dos oceanos baixassem em média cerca de 100 metros, mudando as configurações, alcance e direção das correntes marinhas que, por sua vez, refletiram nas correntes aéreas, dando a estas novas composições e orientações. Assim, dessa forma, foram sendo modelados novos ambientes continentais. Alguns se tornaram secos, outros muito

úmidos, mudando paisagens do quadro vegetacional.

Dessa forma, alguns ambientes outrora úmidos foram afetados por ventos secos, que proporcionaram longos períodos de estiagem, o que provocou migrações de diversas formas e o desaparecimento da água até então existente no local.

A formação do deserto de Atacama é um exemplo clássico dessas mudanças, que também podem englobar a expansão das florestas equatoriais, oscilação dos níveis da água de lagos e outras mudanças de quadros de vegetação. Fenômenos naturais como El Niño que resulta no aquecimento das águas do oceano Pacífico ou La Niña, que resulta no resfriamento destas, funcionam dentro do mesmo mecanismo e podem trazer para os continentes ventos carregados de umidade ou ventos secos, contribuindo ciclicamente para a ocorrência de períodos úmidos e às vezes grandes períodos de estiagem, o que por sua vez provoca o desaparecimento de corpos hídricos, principalmente aqueles que estão na dependência do lençol freático ou das chuvas.

Ilustração: FC Lopes

Esse conjunto de exemplos é provocado por causas ou fenômenos naturais. Mas a água também pode desaparecer de determinados locais, ou diminuir drasticamente seu volume, em decorrência de ações humanas. Uma dessas ações pode ser caracterizada pela retirada da cobertura vegetal nativa, impedindo dessa forma a retenção das águas pluviais nos lençóis subterrâneos, que são alimentadores de cursos d'águas superficiais. Outras ações se caracterizam pela captação das águas dos rios para irrigação em larga escala.

A água, dessa forma, se perde pela evaporação. Fenômenos que provocam defluências de grande porte do curso principal de um rio em larga escala para canais longos e profundos podem provocar de forma parcial ou irreversível o desaparecimento do corpo hídrico, que os alimenta. Mutilando-o no seu percurso para alimentar sua bacia de captação final. Esses casos podem ser ilustrados pelo rio são Francisco no Brasil e pelo Mar de Aral entre Ásia e Europa.

O fenômeno da urbanização que assola a contemporaneidade, com pavimentação que cobre grandes espaços, favorece o escoamento rápido das águas das chuvas que, por sua vez, não infiltram no solo, provocando cheias ou enchentes que trazem como consequência transtornos urbanos.

Quando se observa a precipitação de chuva ou neve, logo se restabelece a águas das nuvens? A água é reciclada dos oceanos através da atmosfera e volta para os oceanos e para continentes através das precipitações. A esse processo dá-se o nome e ciclo hidrológico e é potencializado pela radiação solar. Isso ocorre porque a água passa facilmente do estado líquido ao gasoso. 85% da água que está na atmosfera vêm dos oceanos. Supõe-se que uma camada de 1 metro de espessura que circula em toda a Terra evapora a cada ano dos oceanos. 15% da água atmosférica é oriunda dos continentes através da evaporação e evapotranspiração.

A água que precipita sobre o planeta pode ter sua distribuição representada pelos percentuais de 80%, que cai diretamente nos oceanos, e 20%, que cai diretamente nos continentes.

A água que cai nos oceanos é limitada a um processo de três etapas: evaporação, condensação e precipitação. Já o ciclo das águas que precipitam sobre áreas continentais engloba evaporação, condensação, movimento de vapor de água e precipitações. Grande parte das águas que precipitam sobre áreas continentais volta para os oceanos através do escoamento superficial, mas nem toda parte volta diretamente ou imediatamente, alguma parte fica retida nos pântanos, nos lagos, nos campos de neve, nas geleiras, ou penetra no solo formando as águas subterrâneas. Entretanto, mais cedo ou mais tarde essas águas acabam voltando para os oceanos, dando origem a um novo ciclo hidrológico. Por isso é que se afirma que o ciclo hidrológico começa e termina no oceano.

Altair Sales Barbosa
Dr. em Antropologia e Geociências
Smithsonian Institution de Washington D.C. USA -
Pesquisador do CNPq -
Membro Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

ERROS DO PASSADO

Clarice Lispector

Para quem – por desespero ou por gosto – vive aludindo aos erros do passado, eis uma frasezinha de um homem chamado Fénelon: "Pode-se corrigir o passado com o futuro".

Talvez seja, aliás, o único modo de corrigir o passado. Pois uma verdade óbvia é esta: enquanto você lamenta o passado, o futuro lhe foge das mãos.

E não há tanto do que se recriminar ou lamentar: não há outro modo de viver senão o de errar e corrigir-se, e depois errar de novo e corrigir-se de novo. O que não chega a ser trágico. Trata-se do jogo da vida, e todos nós jogamos o mesmo jogo.

Agora, o que é mesmo uma pena é uma pessoa sentar-se num canto da sala (figurativamente), e lamentar, lamentar, lamentar. Quem está no jogo tem que aceitar as regras do jogo.

Você há de dizer: "Eu não pedi pra entrar no jogo, não pedi pra nascer". Pois esse argumento é uma mistura de neurastenia, vontade de despistar, má vontade e chicana.

Tenha cuidado com uma coisa: quando lamentar-se começa a ser um consolo, é tempo de prestar atenção.

Clarice Lispector – Escritora (1920-1977). Em "Correio Feminino". Organização Aparecida Maria Nunes. Editora Rocco, 2006.

Sind Saúde DF
Minha luta, meu orgulho!

BRASIL, LABORATÓRIO DA GUERRA HÍBRIDA

Emir Sader

O Brasil, que havia iniciado o ciclo de ditaduras militares, abre o ciclo de regimes de exceção no continente. Em 1964 se instalou primeiro aqui uma ditadura pelo potencial de riquezas enorme do país e pela fraqueza relativa da esquerda. Agora isso se dá peso do país na região, mas desta vez se dá pela força da esquerda e porque o país se tornou o elo mais frágil da cadeia neoliberal.

A guerra híbrida é a nova estratégia imperialista, depois que os golpes militares se tornaram inviáveis. Ela combina a judicialização da política com a criminalização da imagem dos líderes populares pela mídia, para impor processos eleitorais fraudulentos, que deixam de expressar a vontade democrática do povo. O caso brasileiro foi o primeiro em que isso foi necessário, pela modalidade do regime de exceção, de encarar processos eleitorais; é o caso exemplar de como se pode falsear eleições dentro das instituições, com a cumplicidade delas.

É preciso estudar as particularidades desse novo tipo de regime antidemocrático. Antes de tudo, deixar de lado o trem do fascismo, que pertence ao arsenal político da velha esquerda, da esquerda do século XX, que foi prisioneira das experiências da esquerda europeia nos anos 1930 e tratou de estendê-la até a América Latina. Essa velha esquerda, centrada nos partidos comunistas, se apressou em caracterizar a ditadura militar brasileira de 1964 como fascista, porque era a única visão de que dispunha. Evidentemente se equivocou, foi uma das razoes porque foram outras forças que protagonizaram a oposição ao regime militar.

A nova modalidade de golpe imposto pela direita latino-americana fez renascer de novo a linguagem do fascismo, porque obviamente existem valores típicos do fascismo na extrema direita latino-americana: racismo, machismo, discriminação dos negros, das mulheres, apelo a soluções de extrema violência contra os inimigos, etc. Mas é um tipo de regime novo, diferente, para o qual o apelo ao fascismo não ajuda, só confunde.

Visões que não conseguem apreender a situação concreta, particular, do mundo na era neoliberal, se valem dos vocabulários do fascismo como confissão da incapacidade de compreender as novas condições históricas do mundo no século XXI. São visões da esquerda do século XX, que em nada contribuem para a definição de formas de luta da esquerda do século XXI. O pensamento deve servir para diferenciar os fenômenos e compreender suas diferenças e não para amalgamar fenômenos distintos na mesma categoria.

O regime de exceção instaurado pelo golpe de 2016 faz parte da guerra híbrida, a nova estratégia imperialista. Ela se insinua dentro das instituições para descaracterizar a soberania popular nas democracias existentes, forjando governos com aparência de legitimidade, mas eleitos mediante processos fraudulentos. O governo Temer foi resultado de um processo desses, assim como será o governo Bolsonazi.

Podemos perguntar-nos como alguém que representa o que de pior tem os brasileiros conseguiu chegar ao cargo de presidente do país. E, ao mesmo tempo, a melhor pessoa que o país já teve foi proibida de concorrer, porque ganharia as eleições no primeiro turno. Porque se instalou um processo de perversão da natureza das instituições.

O judiciário, ao invés de zelar pelo Estado de direito e pelos processos eleitorais, tornou-se cúmplice da ruptura da democracia e da instauração de um regime de exceção no país. A mídia passou a ser o partido da direita, fabricando a opinião pública conforme os objetivos do regime de exceção, condição indispensável para a realização dos objetivos de desqualificar as lideranças populares e impor a agenda da direita.

O resultado é um regime de exceção, em que a soberania popular foi expropriada. O neoliberalismo só pode sobreviver com um regime que não expresse a vontade da maioria, que sempre se choca com os efeitos negativos desse modelo. A direita brasileira abandonou qualquer veleidade democrática, qualquer compromisso social, qualquer compromisso com um projeto de nação. Se joga nos braços do primeiro aventureiro que lhe promete garantir esse modelo e impedir um governo petista.

Emir Sader
Sociólogo
Autor do livro "O Brasil que queremos."

CUT
FITRATELP
SINTTEL SINTPq SINTELMARKETING SINTRATELE

A LUTA CÍCLICA CONTRA O PRECONCEITO RACIAL

Iêda Leal de Souza

Nos últimos tempos, o racismo recrudesceu no Brasil. Esse comportamento criminoso é cada vez mais comum em nosso país, onde, antes mesmo desse "estímulo recente", sete em cada dez pessoas assassinadas são negras, conforme a Organização das Nações Unidas (ONU).

Ainda segundo a ONU, na faixa etária de 15 a 29 anos, são cinco vidas perdidas para a violência a cada duas horas. De 2005 a 2015, enquanto a faixa de homicídios por 100 mil habitantes no Brasil teve uma queda de 12% para os não negros, entre os negros houve um aumento de 18,2%.

Nada disso é novidade. O movimento negro vem denunciando há tempos o extermínio da juventude negra. Dados da Anistia Internacional mostram que, dos 30 mil jovens vítimas de homicídios por ano, 77% são negros.

Em que pese a letalidade que se vê nas ruas contra a população negra, a luta antirracista obteve vitórias importantes, como a inclusão no sistema educacional brasileiro da Lei 12.711/12, que determinou a criação de cotas de vagas em universidades públicas para a população negra.

Para assegurar sua maior presença no campo do trabalho foi determinada, também, por meio da Lei 12.990/14, uma cota de 20% das vagas oferecidas nos concursos públicos para as pessoas negras.

Trata-se de ações afirmativas importantes para diminuir as disparidades econômicas, sociais e educacionais entre brancos e negros no Brasil.

Entretanto, há muito a ser feito. Hoje no Brasil menos de 7% das terras reconhecidas como pertencentes a povos remanescentes de quilombos estão regularizadas. Conforme a Agência Brasil, nos últimos 15 anos, 206 áreas quilombolas com cerca de 13 mil famílias foram tituladas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).

Ocorre que, desde 1988, o Estado brasileiro já reconheceu oficialmente cerca de 3,2 mil comunidades quilombolas. Porém, sem certificação, os territórios que remontam ao período colonial e que serviram de refúgio para negros escravizados ficam inacessíveis para as políticas públicas básicas e se tornam alvo de conflitos.

Sabemos que estamos vivendo um momento político desfavorável para garantir esses e muitos outros direitos. Mas o povo negro não foge à luta. Estamos vigilantes e decididos a defender nossos jovens, sem nunca esquecer a luta de nossos ancestrais.

Iêda Leal de Souza
Vice Presidenta do Sintego
Secretária de Combate ao Racismo da CNTE
Conselheira do Conselho Estadual de Educação – CEE/GO
Coordenadora do Centro de Referência Negra Lélia Gonzales
Coordenadora Nacional do Movimento Negro Unificado – MNU
Vice Presidenta da CUT – Goiás

O TAMBAQUI, OU PACU VERMELHO

O Tambaqui (Colossoma macropomum), também chamado de Pacu Vermelho, é um peixe de água doce, com escamas grossas e ásperas, de coloração parda ou esverdeada na parte superior do corpo, e preta na parte inferior, variando para mais clara ou mais escura de acordo com a cor da água. Seus alevinos (filhotes), nascem de cor cinza-claro, com manchas escuras espalhadas pela metade superior do corpo.

De corpo arredondado e comprido, pode atingir 110 cm e pesar até 45 quilos, o Tambaqui é um peixe de boca pequena e de dentes muito fortes (usados para quebrar as duras castanhas, que fazem parte de sua alimentação), muito comum nos rios de águas quentes da bacia amazônica, mas encontrado também em Mato Grosso, Goiás, São Paulo, Minas Gerais e, com menor frequência, no Paraná.

É uma espécie que realiza migrações reprodutivas, tróficas e de dispersão. Durante a época de cheia entra na mata inundada, onde se alimenta de frutos ou sementes. Durante a seca, os indivíduos jovens ficam nos lagos de várzea onde se alimentam de zooplâncton, e os adultos migram para os rios de águas barrentas para desovar. Na época de desova não se alimentam, vivendo da gordura que acumularam durante a época cheia.

Embora a carne do Tambaqui tenha bom valor comercial e seja muito apreciada por ser saborosíssima e por ter poucas espinhas, e seja possível a sua criação em cativeiro com alimentação à base de ração, os pesqueiros das regiões Sul e Sudeste têm mais dificuldade em reproduzi-lo, porque é um peixe pouco resistente ao frio.

Fontes:
https://www.aquishowbrasil.com.br/peixes/peixe-tambaqui
http://pescaepescarialegal.com.br/peixe-tambaqui-colossoma-macropomum/

TAMBAQUI AMAZONENSE, COM TOQUE ORIENTAL

Braulio Antônio Calvoso da Silva

INGREDIENTES

Para fazer um tambaqui assado, você vai precisar de alguns ingredientes, como:

- 01 tambaqui inteiro de qualquer tamanho
- 03 dentes de alho; 01 pitada de sal
- pimenta dedo de moça e as especiarias que você mais goste
- tomilho ou orégano (qualquer um deles, mas fresco se possível)
- 04 Pimentões coloridos; tomates italianos ou cereja
- 01 pacote de broto de feijão ou cogumelos
- 01 maço com salsa e cebolinha; sementes de gergelim (opcional)
- banana prata pronta para consumo (madura)

MODO DE PREPARO

Lave o peixe para retirar o sabor de outros peixes ou substâncias que estejam impregnadas na pele do seu tambaqui.

Faça cortes superficiais na parte exterior do peixe, de forma perpendicular, como se fosse um cruzamento de avenidas, onde o peixe é uma avenida e o corte é o cruzamento dessa avenida.

Misture o alho, o sal e a especiaria que preferir (tomilho, orégano), cinco anéis de pimenta dedo de moça, juntamente com água e bata em um liquidificador. Talos de salsa e cebolinha são muito bem-vindos nesse caso.

Em seguida, coloque esse tempero nas fendas que você fez na parte exterior do peixe e também dentro dele.

Coloque na forma, em torno do peixe, tomates com pimentões ou cogumelos com broto de feijão, temperados com o mesmo tempero que usou para o peixe.

Asse em forno preaquecido por 10 minutos a 180 graus. Retire a forma e coloque bananas em medalhões, apenas para aquecer um pouco as bananas e deixe por mais 10 minutos ou um pouco mais, dependendo do comportamento da textura do peixe.

Se quiser o peixe mais úmido, faça a primeira fase com papel alumínio por cima do peixe, retirando-o antes de colocar as bananas.

Observação: O tempero pode ser feito com shoyu, hondashi (peixe em pó), gengibre, molho de ostra ou qualquer outro que lhe agrade. O importante é apresentar um prato atraente e mais completo com vegetais e fibras, associado ao casamento perfeito entre a textura da banana e o peixe.

Fotos: Bráulio Calvoso

Bráulio Antônio Calvoso Silva
Chef. Locutor de rádio. Com mais de 25 anos de experiência em cozinhas no Brasil, China, Japão e Estados Unidos, comandou o programa Gastronomia Mundial na Rádio Internacional da China.

Demonstração dos resultados do projeto Água que temos água que queremos!

Fotos: Deva Garcia

Com projetos ambientais e tecnológicos, EC Vila do Boa chega a terceira etapa do Circuito de Ciências 2018

Apesar da pouca idade, os alunos do 1° ao 5° ano, da Escola Classe Vila do Boa, localizada em São Sebastião, cidade satélite de Brasília, já mostram que sabem a importância da educação e, principalmente, de proteger o meio ambiente. Graças ao empenho de professoras e professores comprometidos com aprendizado e inclusão, a escola inseriu diversos programas pedagógicos, que vão desde o incentivo à leitura até programas de robótica.

A iniciativa deu tão certo que pela primeira vez na história da escola, os discentes chegaram a terceira etapa do 8º Circuito de Ciências 2018, promovido pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), com três projetos concorrendo.
O circuito é um espaço destinado ao desenvolvimento do conhecimento científico e tecnológico, que possibilita vivências inovadoras aos estudantes e valoriza o trabalho pedagógico.

A escola apresentou os seguintes projetos: Água que temos água que queremos!; Lixo - conhecer, educar reduzir; e Robótica no contexto escolar.

De acordo com o Coordenador Pedagógico da Escola Vila do Boa, Melquisedek Aguiar Garcia, o trabalho começou a ganhar corpo ainda no começo de 2018. Segundo Garcia, a ideia de implementar os projetos surgiu a partir da análise do cotidiano dos próprios estudantes. Eles identificaram um problema e viram no aprendizado uma maneira de mudar a realidade em que estão inseridos. "As crianças utilizaram o conhecimento adquirido em sala de aula e colocaram em prática na comunidade. As pesquisas mostraram aos alunos que o descarte do lixo na comunidade é mal feito, o que consequentemente gera o surgimento de doenças e diversos prejuízos para toda a população. Eles sugeriram aos órgãos competentes maneiras de reduzir o acúmulo de lixo e evitar a contaminação da água", explica.

O projeto torna-se ainda mais importante se analisado do ponto de vista social, pois além de ajudar a proteger a natureza e buscar meios de reduzir o acúmulo de lixo através da reciclagem, gerou nos alunos um senso crítico. "A nossa escola está inserida e desenvolve esse trabalho em uma comunidade que, infelizmente, vive em um contexto em que existe muita vulnerabilidade social. Esta iniciativa traz à tona aos alunos a importância da luta por direitos e políticas públicas de saneamento e infraestrutura para melhorar a qualidade de vida de todos. A ideia é que a partir do exemplo visto na escola a comunidade aprenda a necessidade de cuidar do meio ambiente e participe ativamente dessa luta", ressalta.

O modelo foge ao estilo tradicional de ensino mecanizado e mostra aos educandos que eles podem ser agentes de transformação e grandes profissionais no futuro. Melquisedek explica que os projetos atuam como uma injeção de ânimo em cada um. "Eles se sentem importantes. Participar de um projeto com esta magnitude, concorrer em um circuito nacional, e poder ver os resultados positivos, faz com que eles percebam que podem ser produtores de conhecimento; cientistas, engenheiros e tudo que sonharem".

A mudança da abordagem pedagógica melhorou o desempenho, disciplina, comprometimento e até mesmo a autoestima dos estudantes

O aluno Mário Gabriel, 13, afirmou estar animado com as aulas práticas, principalmente as de robótica, e que sonha um dia ser cientista. "Eu estou aprendendo muitas coisas legais e diferentes na escola. Sei que um dia posso ser o que eu quiser", explica.

Todos esses resultados positivos mostram que um modelo de aprendizagem participativo vai além dos muros da escola e contrapõe-se à proposição da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que retira do aluno a possibilidade da construção de um aprendizado autônomo e consciente. Todo apoio aos alunos da Escola Classe Vila do Boa!

SINPRO DF Filiado à CUT, CNTE
SINDICATO DOS PROFESSORES NO DISTRITO FEDERAL
39 anos
www.sinprodf.org.br | facebook.com/sinprodf

Alunos da Escola Classe Vila do Boa durante Circuito de Ciências 2018

FORMOSA:
SOBRE O SURGIMENTO DO ARRAIAL DOS COUROS

Fotos: Divulgação

O surgimento do Arraial dos Couros (Formosa) é um verdadeiro mistério. Afirmam os historiadores que a data provável de sua criação teria sido em 1749, e que, diferentemente de diversas cidades de Goiás, ele não foi criado tendo como objetivo a exploração de ouro, mas sim a pecuária.

Historiadores como Paulo Bertram (2011) afirmam que a criação do Arraial dos Couros está mais ligada ao Arraial de Santo Antônio de Itiquira (extinto por ser um local insalubre). Em Santo Antônio, muita gente morreu, provavelmente em decorrência de febre amarela, e por isso seus moradores podem ter-se mudado para o Arraial dos Couros, que rapidamente se tornou um lugar destinado ao comércio, onde tropeiros passavam e faziam seus "pousos".

Outra fonte, Queiroz e Steinberger, 2007, apud Chauvet, 2005, defende a tese de que a formação de Formosa pode ter-se dado pela ocupação de quilombolas (livres a partir da fuga) ou negros forros (com liberdade formalizada).

Contudo, a chegada do homem branco se deu com a posse das terras através de Cartas das Sesmarias, obtidas com o objetivo de estimular a lavoura de subsistência e a criação de gado.

Possivelmente, o primeiro sesmeiro do Arraial foi Manoel Barros Lima. Porém, há registros de que, mesmo antes do surgimento do Arraial, Manoel d´Almeida recebera duas licenças de Sesmaria.

De fato, a produção agrícola e pecuária trouxe grande prosperidade para Formosa, pois as fazendas são empreendimentos muito mais duradouros do que o garimpo. Algumas dessas fazendas perduram até os dias de hoje.

O Arraial dos Couros se transformou em Julgado em 12 de abril de 1834. Em 1843, o povoado passou a ser denominado Vila Formosa da Imperatriz, vindo a fazer parte da Comarca de Santa Cruz. Em 1877 foi elevado à categoria de cidade. Por fim, tornou-se Formosa, sendo desmembrada do município de Planaltina no século XIX e de Cabeceiras de Goiás em 1958.

Fonte: "A Verdade sobre a Escravidão Negra - Relatório Final da Comissão da Verdade sobre a Escravidão Negra no Distrito Federal e Entorno", págs. 77, 78. Sindicato dos Bancários, Brasília, 2017.

MUNDO PEQUENO – VIII

"Tudo o que se há de dizer aqui sobre capivaras, nem as mentiras podem ser comprovadas. Se esfregam nas árvores de tarde antes do amor. Se amam sem ocupar beijos. Excitadas se femeiam por baixo dos balseiros. E ali se aleluiam. O cisco das raízes aquáticas e a bosta dos passarinhos se acumulam no lombo das capivaras. Dali se desprende ao meio dia forte calor de ordumes larvais. No lombo se criam mosquitos monarcas, daqueles de exposição, que furam até vidros e abaixam pratos de balança. É vezo de dizer-se então que capivara é um bicho insetoso. Porquanto favorecem a estima dos pássaros, sobretudo dos bentevis que lhes almoçam larvas ao lombo. Coisa que todo mundo gosta, tirante as capivaras, é de flor. Pelo que já não entendo, existem razões particulares ou individuais que expliquem tal desgosto das capivaras por flor? Todas guardam água no olho."

Manoel de Barros – Poeta pantaneiro (1916-2014) em "O Livro das Ignorãças". Editora Civilização Brasileira. 1993.

PRA NÃO DIZER QUE EU NÃO FALEI DE IXORA

José Ribamar Bessa Freire

"Pelas ruas marchando / Indecisos cordões / Ainda fazem da flor /
Seu mais forte refrão / E acreditam nas flores / Vencendo o canhão."
(Geraldo Vandré)

– Vovô, como é o nome dessa flor?

A pergunta da Ana, do alto dos seus 7 anos, me pegou de surpresa. Era uma tarde calma. Estávamos numa alameda do parque onde costumamos passear nos fins de semana.

– Essa flor? ... – ga-gue-jei, para ganhar tempo.

– É. Essa flor, vovô! – ela apontou, enfática, uma florzinha alaranjada de pétalas em forma de pequeno catavento, pendurada na ponta de um ramo, que dançava na cadência de suave brisa. Ao lado dela, bailavam outras da mesma família, todas escoltadas por folhas verdes. Eram pequenas, mas charmosas e desinibidas, com pinta de quererem seduzir polinizadores, borboletas e beija-flores. Hesitei:

– Deixa ver se eu me lembro, essa flor.... essa flor....

Por um momento passou pela minha cabeça dar um chega-pra-lá autoritário, do tipo "deixa de ser curiosa, menina", o que seria uma infâmia capaz de comprometer a busca do conhecimento. Nem minha neta, nem meus alunos merecem tal "curiosicídio". Era melhor enrolar, criando um nome científico qualquer, que logo ela esqueceria. Os botânicos não usam o latim para batizar as flores? Pois é. Inspirado em Vandré, posso muito bem inventar que aquela flor é a *"Vincere bombardam"*, a *"Flos resistentiae"* ou ainda, neste período eleitoral, a *"Inimica centurionis Bolsonarii"*.

A FLOR PERDIDA

O canhão vencido vai no caso acusativo, como qualquer bombarda derrotada quando é objeto direto. Como a resistência é da flor, que é inimiga do centurião, ambos vão no genitivo. Os casos e as desinências estão, portanto, corretos. Para algo tinha de servir o "latim de missa" do seminário. Mas desisti, porque é desonesto usar a palavra certa para enganar pessoas, mormente a própria neta. Afinal, é essa curiosidade que empurra a gente e nos faz avançar. O desafio das perguntas incômodas é que nos acercam ao saber. Foi por isso que optei por cometer um *"vovocídio"*, consciente de que decepcionaria a filha da minha filha, para quem o avô é aquele velho que sabe tudo.

– Não sei o nome dessa flor – admiti, disfarçando o constrangimento.

– Como não sabe? – insistiu Ana, desapontada.

– Sei lá! Minha avó não me falou. Minha mãe se calou. A professora na escola não me ensinou. A televisão não mostrou. O jornal não divulgou. O livro não publicou. Museu, sindicato e igreja me ocultaram essa flor – denunciei, citando esses e outros aparelhos ideológicos de estado registrados por Louis Althusser.

De qualquer forma, senti que naquele momento murchava a flor do conhecimento que eu fingia possuir para impressionar minha neta. Era um estrago tão grave quanto o dano feito à jovem Dorila, *"terna e mimosa"*, cantada pelo poeta mineiro do séc. XIX, José Eloy Ottoni.

José Ribamar Bessa Freire
Professor. Escritor. Gestor do Blog TaQuiPraTi http://www.taquiprati.com.br

A moça *"foi ao prado colher flores"*, mas *"eis que do prado chorando voltou, confusa e aflita"*. Quando lhe perguntavam o que havia acontecido, calada ficava e só emitia gemidos. O poeta matou a charada:

"Que tem Dorila? Os sinais
Indicam, a pesar seu,
Qu'indo ao prado colher flores,
A flor, que tinha, perdeu..."

Quanto a mim, indo ao parque ver flores, a flor que perdi foi a do saber. Fui epistemologicamente desvirginado por não poder compartilhar um saber com minha neta.

VOVOCÍDIO

– Se você não sabe, vou perguntar, então, a minha avó – ameaçou Ana.

– É isso aí! Vai lá! – falei, dando a maior corda. Recomendei que buscasse ainda os dois avós paternos, ciente de que nenhum dos três saberia responder. Dessa forma, o *"vovocídio"* seria completo, o que relativiza minha ignorância. Não deu outra. Aliás, qualquer um de nós entra num parque e não identifica as espécies. É tudo genérico: plantas, árvores, pássaros. Fomos afastados da natureza que para nós é uma ilustre desconhecida. Só netos, camponeses e índios conseguem observar aquilo que o urbanoide não vê.

E foi justamente um índio Pataxó que me revelou:

– Ixora! Essa flor se chama ixora, pode ser encontrada nos canteiros e jardins de muitas praças do Brasil. Conhecida também como "cruz de malta", "chama da floresta" e "trepadeira vermelha", é um santo remédio. O chá da raiz cura dor de garganta, a folha é usada para o tratamento de pereba e curuba, o caule e as folhas cicatrizam feridas e desinflamam tumores.

– E o que significa na tua língua? – indaguei.

O meu amigo Pataxó respondeu que aquela palavra, cuja pronúncia é icsora, não pertencia à língua Patxohã, era estrangeira, que essa flor nem existia no Brasil, que foi trazida por D. João VI, em 1809, através do Suriname, onde é a flor nacional, que é originária da Índia e da Malásia, que dá o ano todo e prefere o clima quente, que tem várias cores – amarela, vermelha, laranja, cor de rosa, que são mais de 400 variedades. Quando eu quis entender como é que ele havia aprendido tudo isso, me disse que observou, perguntou dos velhos e complementou com o "Google".

De posse de tais informações, pude me exibir agora para minhas três netas. Voltamos ao mesmo parque, às mesmas flores, no mesmo jardim. Expliquei-lhes que não basta saber o nome de uma flor, que é preciso cuidá-la e defendê-la como faz Katumbaiá, o espírito protetor da floresta na cultura Pataxó. É assim que a flor pode vencer o canhão do centurião.

Fotos: Aldimar Nunes Vieira

Fotos: Divulgação

ALEXANDRE RIBONDI: O ANDARILHO DE MUITAS ARTES

Jaime Sautchuk

Seu apego às várias artes vem de nascença. Seu pai queria que seu nome fosse Vitor Hugo, em homenagem ao mestre da literatura francesa. Mas, na hora do batismo, o padre disse que o nome não servia, pois o homenageado era severo crítico da Igreja Católica no século XIX, além de ser maçom.

Contrariado, o pai determinou que então o nome fosse Alexandre Dumas, outro francês, também mestre das letras e do teatro, também defensor dos direitos humanos e contemporâneo de Vitor Hugo. Assim, surgiu Alexandre Dumas Valadares Ribondi, capixaba de nascimento, candango por adoção, mas andarilho por opção, irrequieto viajante, na vida real e na ficção.

Seu pai era professor de Latim, arranjador de flores, consertador de instrumentos de corda e fazedor de brinquedos de madeira, coisas que gostava de fazer. Contudo, pra ganhar o pão, era barnabé. A mãe também era funcionária pública, mas curtia a habilidade que tinha e costurava pra fora.

Alexandre Ribondi, como é conhecido, nasceu em dezembro de 1.952, na pequena Mimoso do Sul (ES), mas se considera filho de Cachoeiro do Itapemirim, terra do cantor Roberto Carlos e de tantos outros nomes das artes. Por fim, carrega a carteirinha de candango, comedor de poeira, pois ele se mudou pra Brasília em 1968.

Ele pretendia ir pro Rio de Janeiro tentar a vida por lá, mas mudou de rumo por incentivo da família, que tinha a nova capital como uma cidade ainda em obras, de futuro promissor. O menino recatado, tímido, agora teria que se virar pra continuar os estudos e descobrir alguma profissão.

VIADO VERMELHO

Ainda criança, Alexandre foi levado por sua mãe ao cinema, pra assistir "Marcelino Pão e Vinho", alegre drama espanhol de 1955, que comoveu o mundo. Ao sair, ele comunicou a ela que "quando eu crescer eu vou ser ator". Ela foi taxativa: – "Não criei filho meu para ser palhaço de ninguém".

Àquela altura, porém, ele já tinha

na pequena alma o traço marcante da personalidade do menino do filme: a rebeldia. A mãe que ficasse querendo um filho bem comportado, que virasse funcionário do poder central, com terno e gravata, igual aos outros. Ele seria o que quisesse. Se possível, bem diferente dos demais. Dito e feito.

Hoje, tantos anos se passaram, mas ele se mantém firme. "A diferença é bonita, criativa. Eu quero ser respeitado na minha diferença, não luto pra ser igual. Eu quero o direito à esquisitice!", resume Alexandre. E assim, mantendo sua individualidade, faz questão de tomar parte das lutas gerais da sociedade por um mundo melhor.

Essa posição ele já tinha na época da ditadura, tempos que foram negativamente marcantes e que ele se empenha pra que não voltem. E conta:

– A gente tinha de lutar em duas frentes: contra o regime e dentro da esquerda. A esquerda nos rechaçava. Quando fui preso, foi dito por um companheiro que estava próximo – e isso eu ouvi –, que não tinha importância, porque era "só mais um viado". E eu fui torturado também por ser viado. Naquele momento, os dois se encontraram. Até que começamos a gritar: não vamos esperar a revolução para gozar!

Alexandre estava, de igual modo, no grupo de jornalistas que criou o hoje tradicional bloco carnavalesco "Pacotão", na capital do país, em 1978. Mas, ele e uns amigos criaram uma ala dentro do bloco, chamada "Bunda do Delírio", que tinha até estandarte próprio. Ele conta que "aquilo foi o prenúncio do Grupo Homossexual Beijo Livre, de luta pelos direitos da comunidade gay da capital, que estava formando sua identidade, o seu jeito de ser, a sua resistência à ditadura".

Mais do que isso, ele vê uma forte similitude entre o teatro e o Carnaval, já que um tem elementos do outro, "como a fantasia, o delírio, o desafio, o desabrochamento da alma, ser quem você não é na banalidade da vida que leva". Ademais, "teatro e carnaval têm ousadia, tem subversão, sexo desafiador – essas coisas que todos praticamos e de que nunca esqueceremos". Em verdade, segundo ele, desfile de escola de samba é ópera a céu aberto.

ESTÉTICA DO CERRADO

Desde os primeiros tempos em Brasília, ele se enfronhou na área teatral, se unindo a pessoas que topavam encenar peças em espaços públicos, em espetáculos mambembes, improvisados. Mas aqui foi, pra ele, o embrião de algo muito maior, com um jeito próprio de fazer teatro. E explica:

– A estética do Cerrado surgiu, de certa forma, da liberdade que tínhamos no começo de tudo. Não havia galardões do teatro para torcer o nariz para o que estávamos fazendo. Não tinha avó ou tia solteira pra ficarem escandalizadas. Então, a liberdade era embriagadora, e fomos aprendendo a fazer o nosso teatro, uma mistura de mambembe nacional com conhecimento das artes europeias. Hoje, eu uso Brasília e o Cerrado como cenário das minhas peças. Nelas, entram o Lago Paranoá, a seca, a poeira, as cigarras. A amplidão e a solidão brasilienses também estão presentes.

O fato é que, ao fazer o vestibular e ingressar na Universidade de Brasília (UnB), escolheu a área de Comunicação Social, curso de Jornalismo, profissão que também adotou, sem nunca deixar os palcos.

A essa altura, ele já havia ingressado no metiê, como foca (repórter iniciante) do jornal Correio Braziliense, principal órgão da imprensa brasiliense. Desde logo, foi cobrir o setor cultural, o que caiu como uma luva pra ele, pois coincidia com a área em que já circulava com desenvoltura.

Como escrevia bem – algo que a academia não ensina –, produzia matérias que agradavam ao grande público, de modo que rapidamente se tornou bem conhecido e admirado. Este foi o gancho, também, pra que ganhasse espaço na mídia nacional.

Fez parte do conselho editorial e foi correspondente em Brasília do jornal alternativo "Lampião da Esquina" (1978-1981), criado no Rio de Janeiro por um grupo de intelectuais, entre os quais o pintor Darcy Penteado, o jornalista Jean-Claude Bernardet e o escritor Aguinaldo Silva. Era inspirado na revista "Gay Sunshine", porta-voz do ideário homossexual nos Estados Unidos.

GRANDES PAIXÕES

Hoje, Alexandre prefere viver só e se dedicar às suas artes. Leva, como ele diz, "uma vida bem simples, e típica de uma pessoa levemente preguiçosa". E arremata: – "Gosto de ficar em casa e tudo começa cedo. Faço café, depois faço almoço, depois leio e divago e no fim do dia vou trabalhar: dar aulas de teatro ou ensaiar uma nova peça".

No passado, porém, manteve "dois longos e lindos casamentos". O primeiro, desde bem jovem, foi com outro jornalista de Brasília, que tinha a guarda de um filho, criança, de um caso anterior, e que passou a viver com eles. O outro foi durante os anos em que ele morou em Portugal, com um escritor lusitano.

Muitas vezes, casos de amor e sexo migram da realidade pra ficção, com muita naturalidade, em seus escritos. É o que se dá, por exemplo, no romance "Da Vida dos Pássaros", ambientado em Lima, no Peru, onde ele viveu por uns tempos, ainda na década de 1970. Ou em várias das dezenas de peças teatrais que já escreveu e que são encenadas no mundo todo, por ele mesmo ou por diretores locais que gostam da sua dramaturgia.

Mas, no fim das contas, a grande paixão de Alexandre Ribondi é mesmo o teatro. Há sete anos, ele largou o jornalismo e outros afazeres pra se dedicar exclusivamente a isso. São novas peças, novas montagens e outras viagens.

Nos últimos dois anos, por exemplo, ele se dedica à Casa dos 4, um espaço cultural criado por ele, a atriz Luísa Marillac e a produtora Elisa Mattos na Asa Norte, em Brasília. Ali, eles desenvolvem múltiplas atividades, que incluem escolinha de teatro, montagens de peças de curta temporada, cozinha pra gastronomia e uma pequena galeria de artes.

Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

SAÚDE

ÁLCOOL E CAFEÍNA:
UMA COMBINAÇÃO PERIGOSA

Eduardo Pereira

Você já passou por isso? Bebeu demais na festa e então, pra manter a sobriedade, toma aquele super copo de café amargo? Esquece, a mistura de café com álcool não baixa a sua embriaguez, pode até te "acordar" um pouco, mas não te deixa mais sóbrio. Pior, gera sérios riscos para a sua saúde.

Segundo a dra Mary Claire O'Brien, diretora da *Wake Forest School of Medicine*, que realiza estudos sobre a relação entre a cafeína e o álcool, essa é uma "tempestade perfeita".

A cafeína é um estimulante que, ao bloquear uma substância chamada adenosina, deixa o organismo em estado de alerta e faz a gente se sentir com menos cansaço. Em um primeiro momento, o álcool, ao liberar dopamina, também funciona como um estimulante, porém não cria um estado de alerta. Ao contrário, depois da ingestão inicial, o álcool libera a GABA, uma substância que resulta em sedação, deixando as pessoas cansadas e sonolentas.

O risco da combinação de cafeína com álcool aumenta quando, ao combinar essas duas substâncias, seu cérebro cria uma falsa sensação de segurança e aptidão, deixando você achar que está mais desperto e menos bêbado, o que, de fato, não acontece.

E aí é que mora o maior perigo. Há pessoas que, depois de um café, insistem em dirigir, dizendo que o efeito do álcool já passou. Só que, se uma criança atravessar a rua inesperadamente, a reação da pessoa pode não ser rápida o bastante e, assim, ela pode acabar causando uma tragédia. Ou, segundo a Dra. O'Brien, ao experimentar essa falsa sensação de sobriedade, as pessoas podem voltar a beber, correndo o risco de sofrer uma intoxicação.

Moral da história: a cafeína não ajuda nenhum bêbado a ficar sóbrio. Na maior parte dos casos, pra curar bebedeira, só o tempo. Pro porre ser menor, comer antes de beber pode atrapalhar um pouco o aumento do álcool na corrente sanguínea.

Especialistas também dizem que alternar bebida alcoólica com água também ajuda. Não diminui a absorção do álcool pelo organismo, mas, ao deixar seu corpo mais hidratado, pode deixar menos espaço para o álcool na sua celebração.

Eduardo Pereira
Sociólogo
@weiss_guru

Fotos: Acervo Sintego

UM ABRAÇO NEGRO NO COMBATE AO RACISMO

Bia de Lima

Racismo é crime. E este crime inafiançável contra nossa sociedade e, especialmente, contra o povo negro brasileiro, o SINTEGO combate com ações pedagógicas nas escolas goianas que culminam, todo ano, com um grande Abraço Negro em Goiânia, capital do nosso estado.

As preparações para o Abraço Negro começam no dia 13 de maio, Dia Nacional de Denúncia contra o Racismo, com ações sistemáticas que vão possibilitando as discussões sobre as relações raciais no ambiente escolar, organizadas por meio de diálogos, debates, encontros, atividades pedagógicas e vários momentos de formação continuada, para consolidar, em chão goiano, um projeto de Educação antirracista.

Assim tem sido desde o ano 2000, quando cerca de trezentos estudantes e trabalhadores da Educação realizaram no Bosque dos Buritis, com o apoio do Movimento Negro Unificado (MNU) e do Centro de Referência Negra Lélia Gonzalez e a participação das escolas municipais Evangelina Pereira da Costa e Salmon Gomes Figueiredo, o primeiro Abraço Negro em Goiânia.

Desde então, nosso Abraço Negro é realizado em 20 de Novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, data instituída pelo Movimento Negro para honrar a memória de Zumbi, o grande líder do Quilombo dos Palmares que, como tantos outros, escreveu, com a própria história (Zumbi foi assassinado em 20 de novembro de 1695), a história do povo liberto da escravidão por sua capacidade de luta e resistência nos quilombos do Brasil.

Em 2018, ante as ameaças de extermínio dos direitos já conquistados pelas populações afrodescendentes, o SINTEGO faz do Abraço Negro um momento de chamada à reflexão sobre a importância de fazer valer a Lei 10.639, que torna obrigatório o ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira na Educação Básica do Brasil.

O Abraço Negro é, portanto, um espaço que consolida o esforço cotidiano dos nossos profissionais da educação para conscientizar a sociedade do nosso Estado sobre a importância de erradicar o sofrimento vivido por milhares de crianças e jovens negros, devido ao preconceito e ao racismo não somente em Goiânia, mas em Goiás e no Brasil.

Ao mobilizar toda a comunidade escolar, professores, estudantes, enfim, nossa comunidade, para o Abraço Negro, o SINTEGO se junta a todos aqueles que, de todas as formas possíveis, lutam por uma Educação justa, inclusiva, solidária e, sobretudo, antirracista.

Ao abraçar simbolicamente uma escola, uma praça, um espaço comum, o SINTEGO exercita, no seu quefazer pedagógico, uma das mais belas lições herdadas da ancestralidade africana, o conceito do UNBUTU: "Eu sou porque nós somos".

Bia de Lima
Educadora. Presidenta do Sintego.

SINTEGO
GENTE QUE TRABALHA A EDUCAÇÃO
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS
filiado à
CUT BRASIL CNTE

O ÓDIO NÃO SE VENCE COM MAIS ÓDIO

Leonardo Boff

Estamos vivendo tempos política e socialmente dramáticos. Nunca se viu em nossa história ódio e raiva tão difundidos, principalmente através das mídias sociais. Foi eleito para presidente uma figura amedrontadora que encarnou a dimensão de sombra e do recalcado de nossa história. Ele contaminou boa parte de seus eleitores.

Essa figura conseguiu trazer à tona o dia-bólico (que separa e divide) que sempre acompanha o sim-bólico (o que une e congrega) de uma forma tão avassaladora que o dia-bólico inundou a consciência de muitos e enfraqueceu o sim-bólico a ponto de dividir famílias, romper com amigos e liberar a violência verbal e também física.

Especialmente, ela se dirige contra minorias políticas que, na verdade, são maiorias numéricas, como a população negra, além de indígenas, quilombolas e outros de condição sexual diferenciada.

Precisamos de uma liderança ou um colegiado de líderes, com o carisma capaz de pacificar, de trazer paz e harmonia social: uma pessoa de síntese, que não será o presidente eleito, pois lhe faltam todas estas características.

Ao contrário, reforça a dimensão de sombra, presente em todos nós, mas que pela civilidade, pela ética, pela moral e pela religião a controlamos sob a égide da dimensão de luz. Os antropólogos nos ensinam que todos nós somos sapiens e simultaneamente demens, ou, na linguagem de Freud, somos perpassados pelo princípio de vida (eros) e pelo princípio de morte (thanatos)...

O desafio de cada pessoa e de qualquer sociedade é ver como se equilibram essas energias que não podem ser negadas, dando a hegemonia ao sapiens e ao princípio de vida. Caso contrário, nos devoraríamos uns aos outros.

Nos tempos atuais, em nosso país perdemos este ponto de equilíbrio. Se quisermos conviver e construir uma sociedade minimamente humana, devemos potenciar a força da positividade, fazendo o contraponto à força da negatividade. É urgente desentranhar a luz, a tolerância, a solidariedade, o cuidado e o amor à verdade que estão enraizados em nossa essência humana. Como fazê-lo?

Os sábios da humanidade, sem esquecer a sabedoria dos povos originários, nos testemunham que há um só caminho e não há outro. Ele foi bem formulado pelo poverello de Assis quando cantou: onde houver ódio que eu leve o amor, onde houver discórdia que eu leve a união, onde houver trevas que eu leve a luz e onde houver erro que eu leve a verdade.

Especialmente a verdade foi sequestrada pelo ex-capitão, dentro de um discurso de ameaças e de ódio, contrário ao espírito de Jesus, transformando a verdade numa amedrontadora falsidade e injúria. Aqui cabem os versos do grande poeta espanhol António Machado:

"Tua verdade, não: a Verdade. E vem comigo buscá-la. A tua, guarda-a contigo". A verdade genuína nos deve unir e não separar, pois ninguém tem a posse exclusiva dela. Todos participamos dela, de um modo ou de outro sem espírito de posse.

Junto com uma frente política ampla em defesa da democracia e dos direitos sociais, precisamos agregar uma outra frente ampla, de todas as tendências políticas, ideológicas e espirituais, ao redor de valores capazes de nos tirar da presente crise.

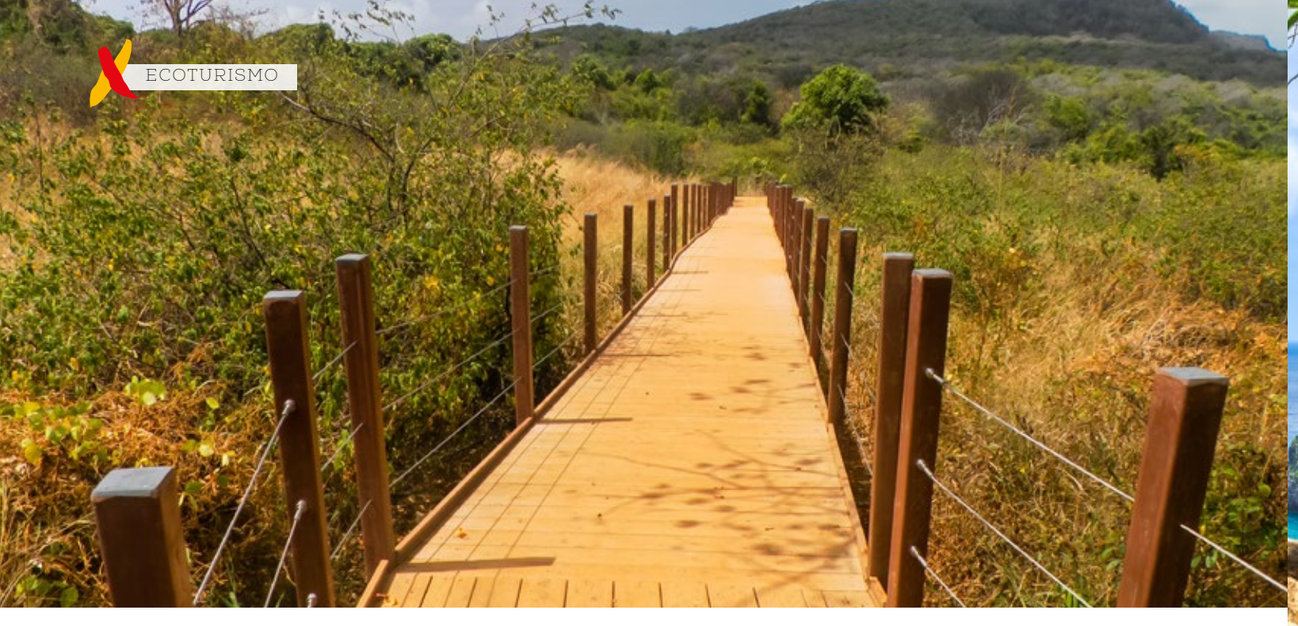
Isso é importante: devemos usar aquelas ferramentas que eles jamais poderão usar: como o amor, a solidariedade, a fraternidade, o direito de cada um de possuir um pedacinho de Terra, da Casa Comum que Deus destinou a todos, de uma moradia decente, de cultivar a com-paixão para com os sofredores, o respeito, a compreensão, a renúncia a todo espírito de vingança, o direito de ser feliz e a verdade transparente. Valem os três "ts"do Papa Francisco: Terra, Teto e Trabalho, como direitos fundamentais.

Devemos atrair os fiéis das igrejas pentecostais através desses valores que são também evangélicos, em contra de seus pastores que são verdadeiros lobos. Ao se darem conta destes valores que os humanizam e os aproximam do Deus verdadeiro que está acima e dentro de todos mas cujo nome verdadeiro é amor e misericórdia, e não de ameaças de inferno, os fiéis se libertarão da servidão de um discurso que visa mais o bolso das pessoas do que o bem de suas almas.

O ódio não se vence com mais ódio, nem a violência com mais violência ainda. Só a mãos que se entrelaçam com outras mãos, só os ombros que se oferecem aos combalidos, só o amor incondicional, nos permitirão gestar, nas palavras do injustamente odiado Paulo Freire, uma sociedade menos malfadada onde não seja tão difícil o amor.

Aqui se encontra o segredo que faria do Brasil uma grande nação nos trópicos, que poderá ajudar no irrefreável processo de mundialização a ganhar um rosto humano, jovial, alegre, hospitaleiro, tolerante, terno e fraterno.

Leonardo Boff
Filósofo. Teólogo. Escritor.
Excerto do livro Saber Cuidar.
18ª Edição. Editora Vozes.
2012.



FERNANDO DE NORONHA: UM PARAÍSO DE FANTÁSTICAS TRILHAS ECOLÓGICAS

Eduardo Pereira

Localizada no litoral pernambucano, a cerca de 545 km de Recife, a ilha de Fernando de Noronha é um paraíso quase intocado, protegido por um Parque Nacional Marinho (Panamar) e uma Área de Proteção Ambiental (APA).

Em Noronha, um dos pontos fortes do ecoturismo são as trilhas ecológicas. Variando entre 1,5 e 7 km de extensão, sendo que algumas delas são pagas e algumas só podem ser feitas com a presença de guias. Mas, em qualquer situação, as fantásticas trilhas de Noronha oferecem oportunidades de lazer ecológico para todos os gostos. Algumas delas:

Trilhas do Panamar: Baía do Sancho, Pontinha Pedra Alta, Ponta do Capim-Açu, do Farol e trilha da Baía dos Golfinhos. Da APA: Jardim Elizabeth, Costa Azul e Costa Esmeralda.

A trilha mais longa é a de Capim-Açu, com cerca de 7 km de extensão.

No caminho, podem ser vistas as famosas ruínas da segunda guerra mundial.

Outra trilha fabulosa é da Baía do Sancho, cujo mirante de 40 metros de altura só pode ser acessado por escadas cavadas em uma fenda que fica bem perto de um penhasco.

Já na trilha da Pontinha Pedra Alta, quem faz trekking pode avistar a pedra seca, local do primeiro naufrágio ocorrido no Brasil, no ano de 1503.

Bem mais recente, a trilha dos Abreus é belíssima, mas bastante rústica, com muitas subidas e descidas.

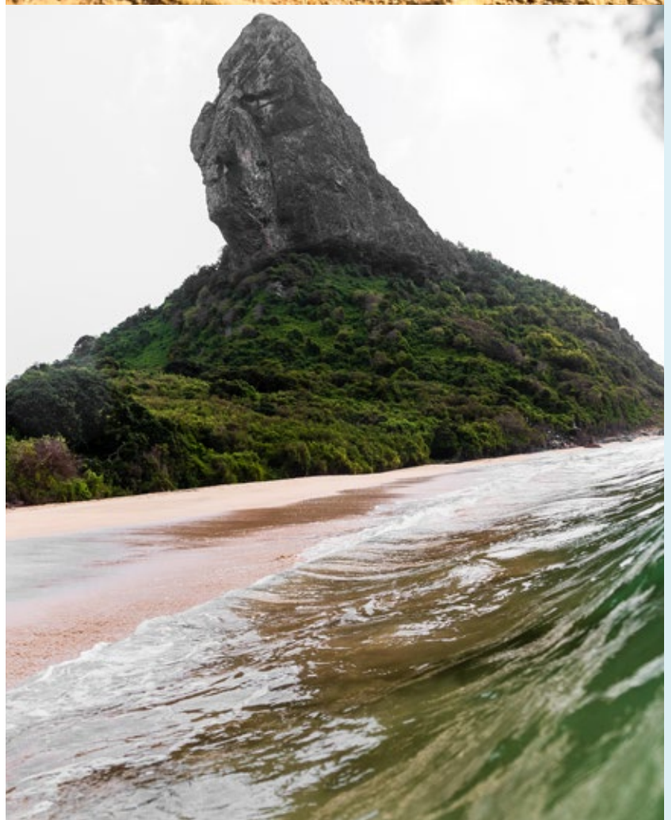
E tem também a trilha do Farol, com muitos mirantes pelo caminho; a trilha Jardim Elizabeth, local escolhido pelos holandeses para aclimatar as plantações trazidas da Europa; e a mais calma de todas, a Baía dos Golfinhos, com seu mirante de 70 metros de altura, de onde se pode ver o show dos golfinhos rotadores.

A trilha da Costa Esmeralda corta três belas praias, a do Bode, a de Quixaba e a da Cacimba do Padre, é a mais litorânea de todas. O ponto forte dessa trilha é observar as Catraias, aves marinhas primas dos pelicanos, que mergulham no mar em busca de alimentos. Dela se podem avistar as rochas Dois Irmãos, fontes de inspiração para a Lenda do Pecado.

E tem ainda a trilha da Costa Azul, que dá acesso às ruinas do forte de Santa Cruz e ao Morro do Pico, outra referência da Lenda do Pecado, uma das mais ouvidas na Ilha de Fernando de Noronha.

Eduardo Pereira
@weiss_guru

Fonte: https://becodenoronha.com.br/wp/fernando-de-noronha-curiosidades-uma-ilha-cercada-por-lendas/



A LENDA DO PECADO

Uma das histórias mais famosas de Fernando de Noronha é a Lenda do Pecado, que fala do amor proibido de dois seres gigantescos, que remonta às míticas histórias da Grécia Antiga. O casal teria sido castigado por ter amado demais e pecar por amor. Para ela, o castigo foi ter seus seios eternizados nas águas azul turquesa, em pedra, no Morro dos Dois Irmãos; para ele, a pena de ter seu falo petrificado, também em pedra, no Morro do Pico, ponto mais elevado de Noronha.

Fonte:
becodenoronha.com.br/wp/fernando-de-noronha-curiosidades-uma-ilha-cercada-por-lendas/

Foto: Divulgação

BADIA MEDEIROS:
EMUDECE O SOM DA VIOLA DO GRANDE MÚSICO CERRATENSE

Iêda Vilas-Bôas

"O Som da Viola em mim é um som de amor. (...) A Viola pra mim, o Som da Viola foi isso: o amor que eu tive por ela, e aprendi a gostar da viola. Inclusive o Som da Viola vem mais quando a pessoa tá muito alegre, muito satisfeita. Ele lembra logo da Viola porque o som dela ajuda ele a ficar mais alegre, mais satisfeito, abrir mais o coração. Agora quando é na tristeza, não lembra. Quando, na tristeza, você lembra assim, depois de uns tempo passado, você vai disfarçá por ela. Mas no momento, som nenhum não serve. E aí, no caso, a Viola vai ajudar a pessoa a recuperar".

Badia Medeiros

Olhar sereno, fala mansa de bom mineiro, olhos pequenos, míopes e um pouco cansados da labuta entre dós, lás, sóis... Foram muitos sóis que Seo Badia viu nascer nessa vida: 78 ao todo. Agora sons, não há como contar. Tinha uma viola pendurada na ripa do telhado da velha casa de seu pai. Sua idade era pouca, apenas 9 anos, mas... a viola o chamava, o queria, e esse amor era recíproco.

Entretanto, sem tradição de música na família e com o arrocho dos trabalhos roceiros ficou lá até que o menino Badia tomou coragem e pediu permissão para resgatar a viola e, primeiro, aprendeu a afiná-la, com o compadre João de seu pai. Badia, intuitivamente, já sabia tocar, reconhecia e embaralhava as notas musicais com maestria. Aperfeiçoou seu dom foi, como se diz por aqui, de ouvido, ouvindo as tocadas e tiradas de outros violeiros.

Pronto. A dupla estava formada era Seo Badia e a viola e a viola e Seo Badia. Os sons, os tons, os ritmos saíram todos. Alcançaram as Festas de Folia, especialmente a Folia do Divino, do qual era devoto, atravessou Minas e veio para Goiás e daqui se espalhou como legítima representação da cultura cerratense para os diversos rincões do Brasil que aprecia a boa música de raiz e um bom trinado de viola.

Seo Badia sempre esteve ligado às manifestações populares de cultura. Foi Capitão de Folia, tocador de viola e violão e dançador de Catira e Lundu. Tocava também uma Sanfoninha de Oito Baixos, conhecida por "Pé-de-Bode".

Badia Alves Medeiros nasceu na Fazenda Galho em Unaí-MG, no ano da graça de 1940. E nos deixou no dia cinzento de 3 de novembro de 2018. Fica com seus amigos, seus alunos, seus fãs, uma profunda tristeza, mas com toda certeza foi recebido no céu por uma orquestra sinfônica de violeiros-mestres, como ele.

Viveu uma vida singela, vendendo, de bicicleta, os doces que Dona Cesária fazia, com quem foi casado por 53 anos e depois passou a consertar instrumentos e nos momentos de glória nos prestigiava com o encanto de sua voz meiga e do estrondo espetacular de sua viola.

Apresentou-se muito por esse Brasil afora, com a viola e seu chapeuzinho de feltro marrom, e foi bem reconhecido nos espaços culturais e musicais. Com sua Viola, Badia Medeiros levou a Música Caipira a diversos cantos do Brasil. Ganhou o Prêmio Renato Russo no ano de 1998. Registrou algumas de suas Músicas, em 1999, no CD Sertão Ponteado – Memórias Musicais do Entorno do DF – Distrito Federal. Em 2001, Badia Medeiros participou do álbum de 10 CDs, intitulado Cartografia Musical Brasileira, interpretando "Recordação do Passado" (Badia Medeiros). Nestes CDs participaram também importantes nomes da música brasileira.

Em 2002, expandiu sua fama ao se apresentar com os célebres Violeiros Paulo Freire e Roberto Corrêa, no show "Violas do Brasil". O espetáculo foi mostrado em 36 cidades e oito estados brasileiros. Dessa turnê, surgiu o CD "Esbrangente" – expressão criada pelo próprio Badia e que significava que algo era além de abrangente.

Badia Medeiros também era Mestre na criação de palavras que simbolizavam seus sentimentos, era um neologista. Em 2003, Seo Badia se apresentou no Teatro Nacional de Brasília, juntamente com Roberto Corrêa, no show "Violas do Sertão".

E, em 2004, ele gravou o seu primeiro CD solo, intitulado "Badia Medeiros – Um Mestre do Sertão".

Daí para a frente, muitos shows, muita música, muita prosa boa que só quem ouviu e viu de perto vai poder guardar em lugar recôndito da memória.

Salve, Seo Badia Medeiros!

Foto: Divulgação

Iêda Vilas-Boas
Escritora

Foto: Andresa Moreno / Modelo: Naomi Leal

Frisson

“VIDAS NEGRAS IMPORTAM”

20 de novembro de 2018
Dia da **Consciência Negra**

ESCOLA SEM RACISMO

CNTE Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br
Brasil
Filiada à CUT BRASIL
Internacional da Educação
CEA
FNPE Fórum Nacional Popular de Educação

Foto: Izalete Tavares

Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura,
faz a Xapuri continuar acontecendo!

REVISTA IMPRESSA

ANUAL R$ **150**,00 12 EDIÇÕES

BIANUAL R$ **250**,00 24 EDIÇÕES (BÔNUS: REVISTA DIGITAL)

ASSINE JÁ! **WWW.XAPURI.INFO/ASSINE**